A FORÇA DA MULHER PRETA E PERIFÉRICA NO PIBID: ESCREVIVÊNCIAS À MINHA FILHA AUTISTA

Adriene Nascimento Sales Vieira[1], Carolina Rodrigues Lincoln-de-Carvalho[2], Tássio Acosta[2]

[1]Universidade Santa Cecília aluna de licenciatura
[2]Universidade Santa Cecilia docentes PIBID-UNISANTA (CAPES)

E-mail: adriene.sales@hotmail.com

RESUMO – O artigo utiliza a escrevivência (Evaristo, 2020), em diálogo com as negritudes, como metodologia para narrar a trajetória de uma mulher preta, mãe de uma criança autista e licencianda em Pedagogia, articulando experiências pessoais (Bispo, 2023), formação docente e práticas educacionais. A narrativa problematiza os desafios do diagnóstico, do cuidado, das desigualdades raciais e socioeconômicas e da permanência no ensino superior, evidenciando como a maternidade atípica ressignificou sua identidade profissional (Munanga, 2012). Os resultados destacam a contribuição do Pibid para a formação inicial docente, fortalecendo práticas pedagógicas pautadas na empatia, na inclusão e no compromisso com a justiça social.

Palavras-chave: negritudes; maternidade atípica; formação inicial de professores; Pibid.

THE STRENGTH OF BLACK AND PERIPHERAL WOMEN IN PIBID: ESCREVIVÊNCIAS FOR MY AUTISTIC DAUGHTER

ABSTRACT – This article adopts escrevivência *(Evaristo, 2020) in dialogue with Blackness studies as its methodological approach to narrate the journey of a Black Woman (Munanga, 2012), mother of an autistic child, and undergraduate student in teacher education. By intertwining personal experiences, teacher education (Bispo, 2023), and educational practice, the narrative examines the challenges of diagnosis, caregiving, racial and socioeconomic inequalities, and persistence in higher education, showing how atypical motherhood reshaped the author's professional identity (Munanga, 2012). The study highlights the contributions of Pibid to initial teacher education by fostering pedagogical practices grounded in empathy, inclusion, and social justice.*

Keywords: *escrevivência*; Blackness studies; atypical motherhood; initial teacher education; Pibid.

1 BOM, TODA HISTÓRIA TEM UM COMEÇO E ESSA HISTÓRIA COMEÇA ASSIM

Esse trabalho tem como base a metodologia de pesquisa escrevivência, conforme cunhado por Conceição Evaristo, ou seja, escrita narrativa de minha vivência como mulher preta e mãe de uma criança autista em que, com base nesses atravessamentos, me constituíram como pedagoga. Essa escrevivência deriva de minha atuação no Pibid de Pedagogia da Universidade Santa Cecília[1].

Sempre quis ser mãe. Orava para Deus e pedia para ser mãe de uma menina. Após 8 meses de tentativas, exames e tratamento, veio a tão sonhada gravidez. Estava casada há 6 anos e, desde o início, eu sabia que era menina. Foi um momento muito feliz – e sim, era menina, minha Lavínia. Sonhos, projetos e grandes expectativas tínhamos para ela. Nascia ali uma linda menina e também uma mãe e um pai.

Sempre tive um lado pedagogo e, por isso, estimulava minha filha às aprendizagens. Mas, com 1 aninho, ou até antes disso, percebi que ela não queria copiar as palavras que eu pedia para ela me imitar. Ela era muito pacata e eu achava este comportamento diferente. Entretanto, não sabia se ela era assim por meu esposo e eu sermos bem sossegados ou porque tinha realmente algo de diferente. Percebia que quando brincava com os carrinhos (ela amava carrinhos!), ficava girando as rodinhas enquanto as observava girar. Enfileirava os Legos por cores e apresentava bastante dificuldade no desenvolvimento da fala.

Assisti muito vídeos que falavam sobre sintomas de autismo, todos eles que eu assistia falavam que a criança tem que ter a maioria dos sinais. De 10 sinais apresentados nos vídeos, Lavínia apresentava dois ou três, sempre de forma alternada. Quando um sinal aparecia, outro sumia. Então, eu tinha muitas dúvidas, mas também sempre falavam que a intervenção precoce era muito importante e muito mais eficaz.

Entendi, naquele momento, que se fosse alguma coisa ela seria acompanhada por profissionais capacitados desde bem cedo, mas eu tinha uma esperança de que ela precisasse pontualmente de acompanhamento com fonoaudióloga. Hoje em dia, contando tudo isso, parece obvio, não? Mas na época, em 2020, em plena pandemia, as informações não eram tantas como se circulam hoje em dia.

Sinais clássicos como ausência ou mínimo contato visual, andar nas pontas dos pés e não querer socializar não faziam parte dela. Ela sempre gostou de socializar, mas tinha muita dificuldade em como estabelecer essas socializações.

[1] Número do Processo: 88887.110561/2025-00 (Migrado - EB)

Com 1 aninho e meio, levei-a numa das consultas regulares com o pediatra e comentei que ela mal falava 5 palavras, que apenas sabia falar mamãe e papai, mas não associava a nós. Naquele momento, ele disse que poderia ser autismo e a encaminhou para fonoaudióloga e psicóloga. Para ele, era uma suspeita a descartar, mas, para mim, era algo que eu já imaginava. Ainda assim, eu tinha esperança de que não fosse.

Durante uma conversa comum com a minha tia, eu disse a ela que havia levado a Lalá ao pediatra comentei sobre como se seu a consulta. Nisso, ela me disse: olha, já que você está vendo, correndo atrás e percebeu algo, vou te falar que vejo comportamentos diferentes nela que são parecidos com o do seu irmão quando pequeno – afinal, temos suspeitas de autismo em um dos meus irmãos, com 43 anos. Quando ela falou isso, foi um balde de água fria, me jogou numa realidade que, embora muitas peculiaridades se apresentassem, eu ainda não esperava que fosse real.

Os sonhos e os projetos que eu tinha para ela morreram! O tal do luto após um diagnóstico, ainda que ela ainda não tivesse sequer iniciado os acompanhamentos multiprofissionais. Graças a Deus eu tive, e tenho, um esposo muito parceiro e o melhor pai que minha filha poderia ter, pois, sei que muitos homens abandonam suas esposas e filhos. Alguns se culpam, outros acham que a esposa quer encontrar problema onde não tem no filho(a), dentre outros motivos, que, obviamente, não se justificam, e, então, começa a jornada solo dessa mãe que não sabe se trabalha ou se cuida da criança.

Começamos os processos de exames para descartar qualquer outra condição. Lembro que minha filha ficou traumatizada. Chegava na porta do hospital e queria ir embora - foi um momento muito difícil para todos nós –, mas eu sabia que não poderia fechar meus olhos para a situação e que precisava ajudar minha filha. Eu chorava em cada um dos exames sem nem saber se aquela bateria a qual ela passava realmente era necessária ou se eu estava traumatizando-a sem necessidade. Todos os exames normais, graças a Deus.

Começou a fazer acompanhamento fonoaudiológico e psicológico, ainda com 2 anos de idade, durante trinta minutos por semana com cada um. Ainda que o tempo era breve, no momento era o que ela precisava.

O tempo passava, o neuropediatra passava exames, a certeza era cada vez maior e nada de um diagnóstico se fechava. Tive que trocar de neuropediatra e, então, veio o diagnóstico aos seus 4 anos de idade. Naquele momento eu pensava no tempo em que perdemos quando ela poderia ser atendida mais vezes por semana e por um período maior a trinta minutos por consulta. Outros profissionais, como a terapeuta ocupacional, psicopedagoga e

musicoterapeuta, também poderiam ajudar neste processo inicial; tal qual ela faz acompanhamento hoje em dia com estes.

Ter uma plano de saúde nos ajudou muito, mas foi muito difícil. Tive que entrar com processo judicial para que ela fizesse as terapias na cidade em que residimos, visto que tínhamos que ir para a cidade vizinha. Perdemos a causa por duas vezes e tivemos de recorrer da decisão. Fizemos empréstimos para as custas judiciais, mas a decisão final não nos favoreceu. Tudo isso foi muito exaustivo. Eu chorava pensando no que mais eu poderia fazer para ajudar minha filha; sempre uma luta, a necessidade de se judicializar para se fazer valer algo que é nosso de direito.

Como eu disse no início, sempre a estimulei. Então, em casa eram recortes e mais recortes de E.V.A., papelão, fazia o alfabeto com seus brinquedos e inventava jogos com eles. Juntava-os por cores, as fazia encontrar objetos, confeccionava uns jogos e comprava outros. Me doei muito por minha pequena e ainda faço de tudo para que ela tenha uma vida boa e o mais independente possível.

Graças a Deus a operadora do plano abriu uma clínica própria na cidade em que moramos e pudemos economizar com transporte e deslocamento intermunicipais. Hoje, minha filha está com 7 aninhos. Cada dia é um novo desafio. Fico muito orgulhosa com toda evolução que ela teve e tem. Depois dela, minha vida mudou completamente, a minha forma de ver o mundo, de enxergar as pessoas e perceber que eu não era tão empática como eu acreditava que fosse me fizeram ser mais forte do que imaginei que poderia ser. Lavínia me fez uma pessoa muito melhor.

Ainda em 2020 eu pensava no que mais eu poderia fazer para ajudá-la pois, como sou formada em técnico em química e técnico em segurança do trabalho, estava aprendendo a ser cadista, fazer desenhos técnicos, iniciando uma profissão, cheguei até a ter um cliente. Mas, em virtude da atenção que devia dar à minha filha, interrompi minha atuação para fazer uma graduação que pudesse ajudá-la. Pensei em psicologia, mas é muito caro para mim. Pensei em terapia ocupacional, mas na época não havia segurança se o Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO) aceitaria ou não graduação a distância.

Neste contexto, decidi cursar a graduação em Pedagogia na modalidade a distância por ser mais em conta financeiramente e uma porta aberta para outras possibilidades profissionais – visto que os custos elevados da graduação presencial e a impossibilidade de levar Lavínia às terapias não se fariam presentes durante a graduação a distância. Decidi, portanto, realização a Licenciatura nessa modalidade de ensino para, depois, fazer uma pós-graduação em neuropsicopedagogia e trabalhar como acompanhante terapêutica.

Ainda que eu estivesse estudando a distância, era bastante desafiador conciliar durante o dia os meus estudos com as terapias, a escola de Lalá e a realização dos estágios obrigatórios. Enquanto ela estava na escola, eu estava no estágio pela prefeitura da minha cidade; quando eu parava para estudar, me deparava com a minha filha querendo atenção. Assim, brincava um pouco com ela e depois parava para estudar mas, como mãe, sempre tinha um sentimento de culpa de que eu estava em falta com ela.

Muitas vezes, em seus momentos de crises, atrasava-me para chegar no estágio. Durante essa realização, profissionais da educação comentavam de forma preconceituosa sobre crianças atípicas. Comentários que eu aprendi a ouvir e não absorver, mas também aprendi a me posicionar e falar sobre com base em minhas vivências. Afinal, eu não poderia ouvir tanta coisa sem fundamento ou sem um mínimo de empatia e ficar calada.

Momentos de tristeza e humilhação se apresentavam nos mais diversos lugares, tais como a vez que estávamos para atravessar de barquinha (transporte marítimo de passageiros) para a outra cidade à realização das terapias e fomos barradas. Disseram que não poderíamos mais atravessar sem pagar e como naquele momento eu não tinha dinheiro em mãos, apenas no banco digital, disse que se eu fosse embora correríamos o risco de Lalá entrar em crise. Solidarizado com a minha dificuldade, um rapaz que trabalhava lá resolveu pagar a nossa passagem. Essa experiência me gerou um duplo sentimento: em uma parte fiquei grata à bondade, de outra, fiquei extremamente envergonhada com toda a situação e fui chorando muito.

Nessa revisitação escrevivente dos meus últimos, até hoje eu emociono ao voltar nesses espaços de memória pois, afinal, muitas dificuldades se apresentam na vida de uma mulher preta periférica. Situações negativas em fila de lojas, nos correios, nas ruas, olhares e falas que machucavam foram me subjetivando até que não permitisse mais que me machucassem e, ao invés de esconder a minha filha do mundo, a apresentei como uma criança autista e exigi respeito por todos.

Sei que temos um longo percurso pela frente. Não sei se algum dia será mais fácil. Ela é linda e tão inocente, acredita que todos são príncipes e princesas, fala com todos, conhecendo ou não. Sempre me pergunto como ensinar a malícia e perversidade das pessoas à uma mente tão ingênua? Como ensinar que infelizmente nem todas as pessoas são boas? Nem sempre elas têm boas intenções a um ser tão puro como Lalá?

Sigo tentando encontrar formas de fazê-la entender a relação humana porque ainda não tem a maturidade ou os devidos entendimento que deveria para sua idade. Ela é maravilhosa,

carinhosa, tem uma mente incrível e aprende muito rápido. Ensinei-a a ler com 5 aninhos! Seu musicoterapeuta disse que ela tem o ouvido absoluto e ama instrumentos musicais.

Foram 3 anos de curso na graduação em Pedagogia. Neste meio tempo, tive que sair do estágio obrigatório porque a correria era muito exaustiva, mesmo estagiando apenas 4 horas por dia. Foi quando ouvi falar do programa do Pibid no grupo de whatsapp dos formando de pedagogia da Unisanta e, no meu último ano, entrei para o programa. Foi um divisor de águas para mim. Achei que não conseguiria mais estagiar e sabia da importância da prática e da vivência. O programa me permitiu viver tudo isso porque a atividade presencial na escola era de apenas 1 dia por semana.

Agreguei conhecimento, conheci professoras excelentes, percebi nelas o quanto posso contribuir para o futuro de alguém e o quanto posso ser importante, pois algumas professoras não eram simples professoras. Muitas vezes eram segurança, abraço, palavra amiga, direção, incentivo e, quando necessário, um puxão de orelha também. Foi nesse momento que eu olhei para tudo isso e me apaixonei pela sala de aula e pela profissão.

Aprendi a olhar para os alunos além de suas dificuldades e também além de suas rebeldias, aprendi a valorizar e acreditar em cada um e ensiná-los a acreditar em si mesmos. Fosse dando coragem e incentivando aquele que se achava diferente ou mostrando suas capacidades, fui realmente mediadora do ensino.

Eu, como mulher preta, percebia coisas que nem a professora percebia – como na vez em que a ela apresentou um livro sem palavras, apenas com imagens, e as crianças tinham que inventar uma história de acordo com as imagens que elas viam. Nele, tinham muitas ovelhas brancas ao redor de uma ovelha negra. Uma das crianças, uma aluna negra, dizia que as ovelhas brancas não queriam brincar ou ficar perto da ovelha negra por ela ser negra, enquanto algumas outras crianças diziam que as ovelhas estavam conversando com ela, chamando para brincar.

Percebi que não importa a intenção das pessoas; só entende o outro aquele que é seu semelhante. Eu, como mulher negra, entendi aquela aluna negra, porém mais ninguém percebeu seus comentários. Com isso, eu aprendi que, por mais que façamos o exercício de nos colocar no lugar do outro, nunca saberemos de fato o que o outro viveu, passou, sofreu e venceu. Entendo que apenas quem é semelhante, quem viveu, passou, sofreu e venceu as situações e dificuldades parecidas conseguem compreender o que uma imagem e uma frase podem dizer. Quando formada, quero ensiná-las que assim como eu venci em meio às dificuldades elas também podem vencer!

Infelizmente, foi apenas um ano de PIBID, mas que me agregou em muito em minha formação. Nossas reuniões com o professor responsável, temas discutidos, a forma de nos fazer

pensar, raciocinar, entender, aprender para ensinar e ensinar aprendendo como mediadora do conhecimento me possibilitaram um crescimento pessoal e profissional. A prática do Pibid faz toda a diferença porque precisamos acompanhar o teórico. Lembro que eu estava muito insegura quanto às papeladas, relatórios, plano de aula, PPP e toda a parte burocrática institucional. Quando então, uma das professoras, me disse: isso você vai entender melhor e aprender com a prática. Só teoria não te respalda, acredite porque você consegue. Terão pessoas aqui da escola para te ajudar. Este acolhimento me deixou mais tranquila.

Agradeço a oportunidade de participar deste programa, ao professor coordenador de área que foi paciente, compreensivo e excelente profissional, a toda a turma, as trocas de experiências que tivemos e à professora que acompanhei ao longo do Projeto.

Na minha vida, nada é como a de outras pessoas, muitas coisa são mais difíceis do que o comum. Eu vi colegas fazendo 2 estágios em lugares diferentes, colegas que trabalhavam e estagiavam, e eu já não tinha esse mesmo privilégio porque tenho uma pequena que depende de mim, faz terapias e estuda. Trabalhar em período integral para mim é inviável. Então, pretendo prestar concurso para dar o suporte necessário à minha filha. Ainda assim, tenho outros planos: o plano B, o plano C e por aí vai, porque não posso desistir, sempre existe uma solução para quem quer resolver questões.

2 AGRADECIMENTOS

Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES pela concessão de bolsas do Programa de Iniciação à docência PIBID 2024-2026

A Secretaria de Educação – SEDUC da Prefeitura Municipal de Santos pela parceria com as escolas municipais

A Universidade Santa Cecília – UNISANTA pelo apoio Institucional ao Programa PIBID

3 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Eu, Adriene Nascimento Sales Vieira, declaro que, durante a elaboração deste trabalho, utilizei a ferramenta ChatGPT para correção ortográfica e de pontuação, bem como sistematização e tradução do resumo. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado por mim, que assumo total responsabilidade pelo texto final.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, Fábio S. Escrevivência como metodologia de pesquisa em psicanálise. **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 26, p. e273037, 2023. Disponível em https://www.scielo.br/j/agora/a/8syVs7ZYRZjXKzpfhpGNXdm acesso em 5 ago. 2026

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos.** In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 06–14, 2012. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246. Acesso em: 7 ago. 2026.